

MARIO PUZO

O Poderoso Chefão

Tradução de
Denise Bottmann

48ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Capítulo 1

Amerigo Bonasera estava na 3ª Vara do Fórum Criminal de Nova York, aguardando justiça; esperava vingança contra os homens que haviam tentado desonrar a sua filha e que a feriram com tanta crueldade.

O juiz, de fisionomia com traços muito marcados, enrolou as mangas da toga preta como se fosse punir fisicamente os dois rapazes em pé diante dele. Mostrava no rosto frio um desprezo solene. Mas havia em tudo aquilo algo de falso que Amerigo Bonasera percebia, porém ainda não entendia.

— Vocês agiram como degenerados da pior espécie — disse o juiz com rispidez.

Sim, sim, pensou Amerigo Bonasera. Animais. Uns animais. Os dois rapazes, de cabelo lustroso cortado à escovinha, rosto bem-barbeado e ar humildemente contrito, abaixaram a cabeça em sinal de submissão.

O juiz prosseguiu.

— Agiram como animais selvagens e por sorte não molestaram sexualmente aquela pobre moça, pois nesse caso eu os condenaria a vinte anos de prisão.

O juiz fez uma pausa, os olhos faiscantes sob as sobrancelhas espantosamente grossas fitaram furtivos o rosto pálido de Amerigo Bonasera e, então, pousaram sobre uma pilha de pedidos de liberdade condicional

à sua frente. Franziu o cenho e encolheu os ombros, como que convencido a contragosto. Retomou a palavra.

— Mas, devido à idade e à ficha limpa de vocês, às boas famílias a que pertencem e ao fato de que a lei na sua majestade não busca vingança, condeno-os a três anos de reclusão na penitenciária, com suspensão da sentença.

Somente quarenta anos de luto profissional impediram que o rosto de Amerigo Bonasera mostrasse a tremenda frustração e o ódio avassalador que sentiu. A sua linda filha ainda estava no hospital, com um fio metálico unindo o maxilar quebrado, e agora esses dois *animali* se safavam? Tinha sido tudo uma grande farsa. Olhou os pais muito alegres rodeando os seus queridos filhinhos. Ah, agora estavam todos contentes, todos sorridentes.

Pela garganta de Bonasera subiu um fel amargo, que transbordou pelos dentes firmemente cerrados. Pegou o lenço de linho branco e tampou a boca. Era nessa posição, de pé, que ele estava enquanto os dois rapazes avançavam em liberdade pela passagem entre os bancos, com ar confiante e impudente, sorrindo, sem lhe dar sequer um olhar de relance. Deixou que passassem sem dizer uma palavra, apertando o lenço nos lábios.

Agora vinham os pais dos *animali*, dois homens e duas mulheres da sua idade, mas vestidos de maneira mais americana. Olharam-no de viés, com ar envergonhado, mas tinham nos olhos uma estranha expressão de desafio e triunfo.

Descontrolando-se, Bonasera se inclinou para a passagem e gritou com a voz rouca:

— Vocês vão chorar como eu chorei. Vou fazer vocês chorarem como os filhos de vocês me fizeram chorar — disse, agora levando o lenço aos olhos.

Os advogados de defesa que fechavam o cortejo fizeram os clientes avançar, formando um pequeno grupo cerrado em volta dos dois rapazes, que tinham dado meia-volta e começavam a retornar como que para proteger os pais. Um corpulento oficial de justiça avançou depressa para bloquear a fila em que estava Bonasera. Mas não foi necessário.

Durante todos os seus anos nos Estados Unidos, Amerigo Bonasera confiara na lei e na ordem. E assim prosperara. Agora, mesmo com a cabeça ardendo de ódio, mesmo com o crânio estalando com uma vontade

desenfreada de comprar uma arma e matar os dois rapazes, Bonasera se virou para a esposa, que ainda não entendia bem o que se passava, e lhe explicou:

— Eles nos fizeram de bobos.

Fez uma pausa e, então, tomou uma decisão, não temendo mais o custo que teria.

— Para conseguir justiça, temos de ir de joelhos a Don Corleone.

NUMA SUÍTE DE HOTEL ESPALHAFATOSA em Los Angeles, Johnny Fontane se embebedava num acesso de ciúmes como qualquer marido comum. Esparramado num sofá vermelho, bebia direto da garrafa de scotch que tinha na mão, então tirava o gosto de álcool da boca enfiando a cara numa jarra de cristal com água e gelo. Eram quatro da manhã e, no porre, ele tecia fantasias de matar aquela vagabunda da sua mulher quando ela voltasse para casa. Se é que ia voltar. Era muito tarde para ligar para a primeira esposa e perguntar das crianças, e achava esquisito ligar para algum dos amigos, agora que a sua carreira despencava ladeira abaixo. Houve um tempo em que esses amigos se sentiriam muito honrados, adorariam que ele ligasse às quatro da matina, mas agora só se enfasiavam. Ele até conseguiu sorrir um pouco para si mesmo, lembrando que, na época de sucesso, os problemas de Johnny Fontane haviam fascinado algumas das maiores estrelas dos Estados Unidos.

Dando mais uns goles na garrafa de scotch, enfim ouviu a chave da esposa girando na fechadura, mas continuou bebendo enquanto ela entrava e parava na frente dele. Parecia-lhe tão linda, o rosto angelical, os olhos violeta expressivos, o corpo de delicada fragilidade, mas de formas perfeitas. A tela do cinema ampliava e espiritualizava a sua beleza. Havia cem milhões de homens no mundo inteiro apaixonados pelo rosto de Margot Ashton. E pagavam para vê-lo na tela.

— Mas que raio! Por onde você andou? — perguntou Johnny Fontane.

— Dando por aí — respondeu.

Ela não tinha avaliado bem o grau de bebedeira do marido. Ele saltou por cima da mesinha de bebidas e a agarrou pelo pescoço. Mas, junto daquele rosto fascinante, dos encantadores olhos violeta, a raiva passou e ele se sentiu outra vez sem ação. Ela cometeu o erro de sorrir zombeteira e viu o punho recuando para pegar impulso. Então gritou:

— Johnny, no rosto não, eu estou fazendo um filme.

Ela ria. Ele lhe deu um soco no estômago que a derrubou no chão. Caiu por cima dela. Enquanto a esposa arfava, ele sentia o seu hálito perfumado. Esmurrou-lhe os braços e os músculos firmes das pernas sedosas e bronzeadas. Bateu nela tal como batia nos moleques menores, muito tempo atrás, quando era um adolescente arruaceiro em Hell's Kitchen de Nova York. Um castigo dolorido, que não deixava nenhuma desfiguração permanente, como um nariz quebrado ou uns dentes soltos.

Mas não batia com força suficiente. Não conseguia. E ela ficava caçoando dele. Com os braços estendidos e as pernas abertas, o vestido de brocado erguido até as coxas, ela provocava e caçoava.

— Vem, enfia. Enfia, Johnny, o que você quer na real é isso.

Johnny se levantou. Odiava aquela mulher no chão, mas a sua beleza era um escudo mágico. Margot rolou de lado e, num salto de bailarina, se pôs de pé a encará-lo. Começou a arremedar uma dancinha infantil, cantarolando:

— Johnny não machuca, Johnny não machuca.

E, então, quase triste e com uma beleza majestosa, disse:

— Seu filho da mãe, me dando uns petelecos feito menino, pobre coitado. Ah, Johnny, você sempre vai ser um carcamano romântico e idiota, até para trepar parece menino. Ainda acha que trepar é que nem aquelas músicas melosas que você cantava.

Ela abanou a cabeça e disse:

— Pobre Johnny. Tchau, Johnny.

Foi para o quarto, e ele ouviu a chave girar na fechadura.

Johnny se sentou no chão com o rosto entre as mãos. Foi tomado por um desespero doentio e humilhante. Então a valentia de sarjeta que o ajudara a sobreviver na selva de Hollywood fez com que pegasse o telefone e chamasse um táxi para levá-lo ao aeroporto. Só havia uma pessoa capaz de salvá-lo. Ia voltar para Nova York. Ia voltar para o único homem com o poder e a sabedoria de que ele precisava e com um amor em que ainda confiava. O seu padrinho Corleone.

O PADEIRO NAZORINE, RECHONCHUDO E RÚSTICO como os grandes filões de pão italiano que fazia, ainda coberto de farinha, olhava carrancudo a esposa, a filha Katherine, em idade de casar, e Enzo, o seu ajudante de padaria. Enzo já tinha se trocado e estava com o uniforme de prisioneiro de guerra, com a braçadeira em letras verdes, morrendo de medo de que toda essa cena o atrasasse para a hora de voltar e se apresentar à ilha do

Governador. Era um dos muitos milhares de prisioneiros do Exército italiano em regime semiaberto, com autorização para sair durante o dia e trabalhar na economia americana, e vivia num medo constante de que revogassem a autorização. Por isso a pequena comédia agora encenada era, para ele, um assunto muito sério.

Nazorine perguntou, colérico:

— Você desonrou a minha família? Emprenhou a minha filha com um presentinho para se lembrar de você, agora que a guerra acabou, e você sabe que os Estados Unidos vão chutá-lo de volta para aquele cu de mundo que é o seu vilarejo na Sicília?

Enzo, rapazote baixinho e robusto, pôs a mão no coração e disse quase às lágrimas, mas com bastante esperteza:

— *Padrone*, juro pela Virgem Santa que nunca me aproveitei da sua bondade. Amo a sua filha com todo o respeito. Peço a mão dela com todo o respeito. Sei que não tenho nenhum direito, mas, se eles me mandarem de volta para a Itália, nunca vou poder voltar para os Estados Unidos. Nunca vou poder me casar com a Katherine.

Filomena, a mulher de Nazorine, foi direto ao assunto.

— Pare com toda essa bobagem — disse ao marido rechonchudo. — Você sabe o que precisa fazer. Mantenha o Enzo aqui, mande ele se esconder com os nossos primos em Long Island.

Katherine chorava. Ela já era gorducha, de ar simplório, com um leve buço despontando. Nunca arranjaría um marido bonito como Enzo, nunca encontraria outro homem que tocasse as partes secretas do seu corpo com um amor tão respeitoso.

— Vou morar na Itália — gritou ao pai. — Vou fugir se você não ficar com o Enzo aqui.

Nazorine lhe deu um olhar perspicaz. Era “quente” essa sua filha. Vira como Katherine roçava as nádegas volumosas na braguilha de Enzo, enquanto o ajudante de padeiro se espremia por trás dela para encher os cestos do balcão com os filões quentes saídos do forno. O filão quente do pilantra ia entrar no forno *dela*, pensou Nazorine com certa lascívia, se não fossem tomadas as devidas providências. Enzo precisava ficar nos Estados Unidos e se tornar cidadão americano. E só havia um homem capaz de resolver o caso. O padrinho. Don Corleone.

TODAS ESSAS E MUITAS OUTRAS pessoas receberam convites impressos para o casamento da srta. Constanzia Corleone, a ser celebrado no último sábado de agosto de 1945. O pai da noiva, Don Vito Corleone, nunca esquecia os velhos amigos e vizinhos, mesmo morando agora numa mansão em Long Island. A recepção seria dada na casa e os festejos se prolongariam pelo dia todo. Era, sem dúvida, uma ocasião muito importante. A guerra com os japoneses tinha terminado logo antes, por isso não haveria nenhum receio pelos filhos lutando no Exército para toldar a festa. Era exatamente de um casamento que as pessoas precisavam para extravasar a sua alegria.

E assim, naquele sábado de manhã, os amigos de Don Corleone afluíram de Nova York para lhe render homenagem. Traziam envelopes cor de creme como presente para os noivos, recheados de dinheiro vivo, não de cheques. Dentro de cada envelope, havia um cartão com a identidade do doador e o grau de respeito que tinha pelo padrinho. Um respeito realmente merecido.

Era a Don Vito Corleone que todos recorriam em busca de ajuda, e nunca saíam desapontados. Ele não fazia promessas vazias, nem apresentava qualquer desculpa covarde de estar com as mãos atadas por forças maiores. Não era preciso ser seu amigo, não importava sequer se o indivíduo não tivesse meios de retribuir. Só uma coisa era necessária. Que ele, *ele pessoalmente*, declarasse a sua amizade. E aí, por mais pobre ou impotente que fosse o solicitante, Don Corleone tomava a peito os problemas daquele homem. E não deixava nada se interpor na solução da desgraça daquele homem. A sua recompensa? A amizade, o título respeitoso de “Don”, às vezes o tratamento mais afetuoso de “padrinho”. E talvez, apenas como forma de mostrar respeito, nunca para conseguir vantagem própria, algum presente humilde — um garrafão de vinho caseiro ou um cesto de *taralli* decorados com pimentas, assados especialmente para enfeitar a sua mesa de Natal. Subentendia-se que era uma simples questão de boas maneiras proclamar-se devedor seu e que ele tinha o direito de chamar a pessoa a qualquer momento para saldar a sua dívida prestando-lhe algum pequeno serviço.

Agora nesse grande dia, o dia do casamento da filha, Don Vito Corleone estava à entrada da casa de Long Beach para receber os convidados, todos eles conhecidos, todos eles de confiança. Muitos deviam a boa sorte na vida ao Don e, nessa ocasião íntima, sentiam-se à vontade para tratá-lo

diretamente por “padrinho”. Mesmo os que estavam trabalhando na festa eram amigos seus. O bartender era um velho camarada, que forneceu todas as bebidas para o casamento e a sua grande experiência. Os garçons eram amigos dos filhos de Don Corleone. Os pratos nas mesas de jardim tinham sido preparados pela esposa do Don e pelas amigas, e o próprio jardim, com os seus quatro mil metros quadrados, fora alegremente decorado com festões pelas amigas mais chegadas da noiva.

Don Corleone recebia a todos — ricos e pobres, poderosos e humildes — com a mesma demonstração de afeto. Não menosprezava ninguém. Era esse o seu caráter. E os convidados tanto elogiavam a sua elegância, trajando smoking, que um observador inexperiente poderia pensar que era ele o noivo afortunado.

Com o Don, de pé à porta, estavam dois dos seus três filhos. O mais velho, cujo nome de batismo era Santino, mas que todos, exceto o pai, chamavam de Sonny, era visto com certa desconfiança pelos italianos mais velhos e com admiração pelos mais jovens. Sonny Corleone, como rebento de primeira geração de pais italianos, era bastante alto, quase um metro e oitenta, e com o seu cabelo basto e crespo parecia ainda mais alto. Tinha as feições de um Cupido um tanto grosseiro, de traços regulares, mas com lábios arqueados intensamente sensuais e uma covinha no queixo que, de certa forma, parecia quase obscena. Era robusto como um touro, e era de conhecimento geral que fora tão generosamente dotado pela natureza que a pobre esposa sentia pelo leito nupcial o mesmo medo dos hereges perante o cavalete de tortura. Corria à boca pequena que, visitando quando rapaz as casas de má fama, mesmo a *putaine* mais calejada e destemida, intimidando-se à vista do enorme membro, cobrava o dobro do preço.

Aqui na festa de casamento, algumas jovens senhoras de quadris largos e amplas bocas avaliavam Sonny Corleone com um olhar de confiante segurança. Mas, nesse dia em particular, estavam perdendo tempo. Sonny Corleone, apesar da presença da esposa e dos três filhos pequenos, tinha planos para Lucy Mancini, a madrinha de casamento da sua irmã. A moça, plenamente ciente disso, estava sentada a uma mesa de jardim com vestido de gala cor-de-rosa e uma tiara de flores no cabelo preto e reluzente. Havia flertado com Sonny durante os ensaios na semana anterior e lhe apertara a mão nessa manhã, no altar. Uma virgem não podia ir além disso.

Lucy não se importava que ele nunca viesse a ser o grande homem que era o pai. Sonny Corleone tinha força, tinha coragem. Era generoso e todos reconheciam que tinha um coração tão grande quanto o seu membro. Mas não tinha a humildade do pai; pelo contrário, era esquentado, de pavio curto, o que o levava a cometer erros de avaliação. Embora fosse de grande ajuda nos negócios paternos, muitos duvidavam que viesse a herdá-los.

O segundo filho, Frederico, a quem chamavam de Fred ou Fredo, era o próprio modelo filial que todo italiano rogava aos santos. Obediente, leal, sempre a serviço do pai, morando com o pai e a mãe aos 30 anos. Era baixo e corpulento, não bonito, mas com a mesma cabeça de Cupido da família, a juba crespa sobre o rosto redondo e os lábios sensuais em forma de arco. Só que, em Fred, esses lábios não eram sensuais, eram graníticos. Propenso à melancolia, ainda era um apoio firme para o pai, nunca discutia com ele, nunca o constrangia com condutas escandalosas com mulheres. Apesar de todas essas virtudes, Fred não tinha aquele magnetismo pessoal, aquela força animal tão necessária a um líder, e tampouco ele era visto como herdeiro dos negócios da família.

O terceiro filho, Michael Corleone, não estava junto com o pai e os irmãos, mas sentava-se a uma mesa no canto mais retirado do jardim. Mesmo ali, porém, não escapava às atenções dos amigos da família.

Michael Corleone era o filho caçula do Don e o único que não aceitara o comando do grande homem. Não tinha o rosto maciço de Cupido dos irmãos, e o cabelo nigérrimo não era crespo e, sim, liso. O leve moreno oliváceo da pele seria, numa moça, considerado encantador. Ele era bonito de uma forma delicada. De fato, houve uma época em que o Don ficou preocupado com a virilidade do filho caçula. A preocupação cessou quando Michael Corleone fez 17 anos.

Agora, o caçula estava sentado a uma mesa no canto mais afastado do jardim para anunciar um deliberado distanciamento do pai e da família. Ao lado, estava a moça americana da qual todos já tinham ouvido falar, mas que ninguém vira até esse dia. Claro que ele mostrou o devido respeito e a apresentou a todos no casamento, inclusive à sua família. Ninguém se impressionou muito com ela. Era magra demais, de pele clara demais, com ar inteligente demais para uma mulher, com modos livres demais para uma jovem solteira. O nome dela também soava muito esquisito a eles: chamava-se Kay Adams. Se lhes dissesse que os seus

antepassados tinham se estabelecido nos Estados Unidos duzentos anos atrás e que o seu nome era bastante comum, dariam de ombros.

Todos os convidados perceberam que o Don não prestava nenhuma atenção especial a esse terceiro filho. Antes da guerra, Michael tinha sido o favorito e era visivelmente o herdeiro escolhido para tocar os negócios da família quando chegasse a hora. Ele possuía toda a serena força e inteligência do grande pai, o instinto inato de agir de tal maneira que não havia outro recurso a não ser respeitá-lo. Mas, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, Michael Corleone se alistou como voluntário no Corpo de Fuzileiros Navais. Com isso, contrariou frontalmente as ordens expressas do pai.

Don Corleone não tinha a mais remota vontade, a mais remota intenção de deixar que o filho caçula fosse morto a serviço de uma potência que não fosse a dele próprio. Foi um tal de subornar médicos e de montar esquemas secretos que ele gastou uma fortuna para tomar as devidas precauções. Mas Michael estava com 21 anos e não se podia fazer nada contra a sua livre vontade. Alistou-se e combateu no oceano Pacífico. Foi promovido a capitão, ganhou medalhas. Em 1944, a revista *Life* publicou o seu retrato e um conjunto de fotos das suas proezas. Um amigo mostrara a revista a Don Corleone (a família não se atreveu), e o Don resmungou desdenhoso, dizendo: “Ele faz esses milagres para estranhos.”

Quando Michael Corleone foi liberado no começo de 1945, para se recuperar de um ferimento grave, não fazia ideia de que a sua dispensa se dera por obra do pai. Ficou em casa durante algumas semanas, e, então, sem consultar ninguém, ingressou na Faculdade de Dartmouth, em Hanover, New Hampshire, e assim deixou a casa paterna. Voltava para assistir ao casamento da irmã e para lhes apresentar a futura esposa, aquela americana que mais parecia um trapo desbotado.

Kay Adams se divertia com os casos que Michael Corleone lhe contava sobre alguns dos convidados mais pitorescos. Ele, por sua vez, achava divertido que ela considerasse essas pessoas exóticas e, como sempre, encantava-se com o seu vivo interesse por qualquer novidade estranha à sua experiência. Por fim, ela teve a atenção atraída por um pequeno grupo reunido em volta de um barril de vinho feito em casa. Eram Amerigo Bonasera, o padeiro Nazorine, Anthony Coppola e Luca Brasi. Com a sua habitual perspicácia, Kay comentou que aqueles quatro não pareciam especialmente contentes. Michael sorriu.

— É, não mesmo — disse ele. — Estão esperando para conversar com o meu pai em reservado. Vão pedir algum favor.

E, de fato, era fácil notar que o olhar dos quatro seguia incessantemente o Don.

Enquanto Don Corleone continuava ali cumprimentando os convidados, um Chevrolet sedã preto parou no outro extremo do conjunto residencial. Dois homens no banco da frente sacaram um caderninho do paletó e, sem nenhuma tentativa de disfarçar, anotaram o número da placa dos outros carros estacionados em torno do condomínio. Sonny se virou para o pai e disse:

— Aqueles caras ali devem ser da polícia.

Don Corleone deu de ombros.

— Não sou dono da rua. Podem fazer o que quiserem.

A cara de Cupido de Sonny ficou roxa de raiva.

— Esses calhordas filhos da mãe, eles não respeitam coisa nenhuma.

Desceu os degraus da casa e atravessou a alameda do condomínio, indo até o local onde o sedã preto estava parado. Brusco e irritado, pôs a cara bem perto do rosto do motorista, que nem piscou, mas simplesmente abriu a carteira e mostrou uma identificação verde. Sonny recuou sem dizer uma palavra. Deu uma cusparada tamanha que a saliva bateu na porta de trás do sedã e foi embora. Torcia para que o motorista saísse do carro e viesse atrás dele, dentro do conjunto residencial, mas não aconteceu nada. Chegando à escada da casa, disse ao pai:

— Os caras são do FBI. Estão anotando todas as placas. Filhos da mãe desgraçados.

Don Corleone sabia quem eram. Os amigos mais íntimos e próximos tinham sido aconselhados a não usar os próprios carros para vir ao casamento. E, embora desaprovasse a tola demonstração de raiva do filho, o acesso de fúria para alguma coisa servia. Os intrusos julgariam que a sua presença ali era inesperada, pegando todos desprevenidos. Por isso Don Corleone, pessoalmente, não se irritou. Aprendera, fazia muito tempo, que é preciso aguentar os insultos que a sociedade impõe e o consolo é saber que sempre chega uma hora nesse mundo em que mesmo o sujeito mais humilde, se ficar atento, poderá se vingar do mais poderoso. Era por saber disso que o Don não perdia a humildade que todos os seus amigos admiravam.

Mas agora, no jardim nos fundos da casa, um conjunto de orquestra começou a tocar. Todos os convidados haviam chegado. Don Corleone afastou os intrusos dos pensamentos e, à frente dos dois filhos, seguiu para o banquete.

AGORA HAVIA CENTENAS DE CONVIDADOS no jardim imenso, alguns dançando no estrado de madeira enfeitado de flores, outros sentados a extensas mesas repletas de pratos bastante condimentados e enormes jarras de vinho tinto caseiro. A noiva, Connie Corleone, estava esplendorosamente sentada a uma mesa especial, mais elevada, junto com o noivo, a madrinha de casamento, as daminhas de honra e os pajens. Era um cenário rústico ao velho estilo italiano. Não ao gosto da noiva, mas Connie consentira num casamento “típico” para agradar ao pai, pois já o desagradara muito na escolha do marido.

O noivo, Carlo Rizzi, tinha sangue misto, filho de pai siciliano e mãe do norte da Itália, da qual herdara o cabelo loiro e os olhos azuis. Os pais moravam em Nevada, e Carlo saíra de lá por causa de um probleminha com a lei. Em Nova York, conheceu Sonny Corleone e, assim, conheceu a irmã. Don Corleone, claro, enviou amigos de confiança até Nevada, e eles informaram que o problema de Carlo com a polícia tinha sido uma indiscrição de juventude com uma arma, nada de muito sério, que seria fácil de eliminar dos registros, deixando o rapaz com ficha limpa. Voltaram também com informações detalhadas sobre o jogo, que era legal em Nevada, o que muito interessou ao Don, que desde então passou a refletir sobre o assunto. Uma das coisas que constituíam a grandeza do Don era tirar proveito de tudo.

Connie Corleone não era nenhuma grande beldade, magra, nervosa, que com a idade certamente viraria uma megera. Mas hoje, sob o sortilégio do vestido branco de noiva e da virgindade sôfrega, estava tão radiante que quase ficava bonita. Por baixo da mesa de madeira, estava com a mão pousada na coxa musculosa do noivo. Fez biquinho com a boca arqueada de Cupido para lhe mandar um beijo.

Ele lhe parecia incrivelmente bonito. Carlo Rizzi, quando era bem jovem, havia trabalhado no deserto ao ar livre — trabalho braçal pesado. Agora os músculos dos braços eram impressionantes e os ombros se ressaltavam no paletó do smoking. Deleitava-se com os olhares de adoração da noiva e lhe servia vinho. Esmerava-se em se mostrar cortês com ela,

como se ambos encenassem uma peça. Mas volta e meia os seus olhos cintilavam, olhando a enorme bolsa de seda que a noiva trazia no ombro direito, agora totalmente abarrotada de envelopes contendo dinheiro. Quanto teria ali? Dez mil? Vinte mil? Carlo Rizzi sorriu. Era apenas o começo. Afinal, casara-se dentro da realeza. Teriam de tomá-lo aos seus cuidados.

Entre a multidão de convidados, um rapaz de ar lépido, com uma cara lustrosa de fuinha, também examinava a bolsa de seda. Por mero hábito, Paulie Gatto se perguntava quanto conseguiria se pegasse aquela bolsa recheada. Divertiu-se com a ideia. Mas sabia que era um devaneio bobo e inocente, como o sonho de uma criança imaginando derrubar um tanque com uma espingardinha de brinquedo. Ficou olhando o seu chefe Peter Clemenza, gordo e de meia-idade, rodopiando com as mocinhas na pista de dança numa rústica e voluptuosa *tarantella*. Clemenza, que era enorme de alto, enorme de grande, dançava com tanta habilidade e tanto abandono, a barrigona roçando lasciva nos seios das mulheres mais jovens e mais miúdas, que todos os convidados o aplaudiam. As mulheres mais velhas o agarravam pelo braço, cada uma querendo ser a próxima a dançar com ele. Os homens mais novos respeitosa e abriam espaço na pista e batiam palmas acompanhando o ritmo do frenético dedilhado do bandolim. Quando Clemenza finalmente caiu derreado numa cadeira, Paulie Gatto lhe trouxe um cálice de vinho tinto gelado e com o seu lenço de seda lhe enxugou o suor da testa, que mais parecia a de Júpiter. Clemenza bufava feito uma baleia enquanto mandava o vinho goela abaixo. Mas, em vez de agradecer a Paulie, falou curto e grosso:

— Não fique aí feito juiz de dança, vá fazer o seu serviço. Dê uma andada pela vizinhança e veja se está tudo em ordem.

Com isso Paulie se foi e sumiu na multidão

A pequena orquestra fez um intervalo. Um jovem chamado Nino Valenti pegou um bandolim deixado de lado, pôs o pé esquerdo em cima de uma cadeira e começou a cantar uma música de amor siciliana meio indecente. Nino Valenti tinha rosto bonito, mas inchado de tanto beber, e já estava um pouco alto. Revirava os olhos enquanto parecia acariciar com a língua a letra obscena. As mulheres soltavam gritinhos de entusiasmo e os homens berravam a última palavra de cada estrofe junto com o cantor.

Don Corleone, notoriamente pudico nessas questões, embora a sua robusta esposa estivesse gritando alegremente junto com as outras, usou

de tato e desapareceu dentro de casa. Apercebendo-se disso, Sonny Corleone foi até a mesa da noiva e sentou ao lado da madrinha de casamento, a jovem Lucy Mancini. Estavam em segurança. A esposa dele estava na cozinha, dando os últimos retoques no preparo do bolo de casamento. Sonny murmurou alguma coisa no ouvido da moça, e ela se levantou. Sonny esperou uns minutos e, então, com ar displicente, foi atrás dela, parando aqui e ali para falar com um ou outro convidado, enquanto abria caminho na multidão.

Todos os olhos seguiam os dois. A madrinha de casamento, totalmente americanizada por três anos de faculdade, era uma moça apetitosa que já tinha certa “reputação”. Em todos os ensaios para o casamento, ela havia flertado com Sonny Corleone de um jeito provocador e brincalhão que imaginava ser permitido, pois ele era o padrinho e o seu par no casamento. Agora, segurando a barra do vestido cor-de-rosa para não arrastar no chão, Lucy Mancini entrou na casa, sorrindo com falsa inocência, e subiu leve e airoso a escada até o banheiro. Ficou lá dentro por alguns instantes. Ao sair, Sonny Corleone estava no patamar de cima, acenando para que subisse.

Por trás da janela fechada do “escritório” de Don Corleone, uma sala na lateral da casa, com o piso um pouco mais alto, Thomas Hagen observava a festa de casamento no jardim engrinaldado. As paredes atrás dele eram forradas de livros jurídicos. Hagen era o advogado e o *consigliere* interino do Don e, como tal, ocupava a posição subordinada mais vital dos negócios da família. Ambos tinham resolvido muitos problemas espinhosos nessa sala e por isso, quando viu que o padrinho deixava a festa e entrava na casa, logo percebeu que, com ou sem casamento, iam trabalhar do mesmo jeito naquele dia. O Don vinha ter com ele. Então Hagen viu Sonny Corleone cochichando no ouvido de Lucy Mancini e acompanhou a pequena comédia dos dois, enquanto Sonny entrava na casa atrás dela. Hagen fez uma careta, ficou debatendo consigo mesmo se ia informar o Don e acabou decidindo que não diria nada. Foi até a escrivaninha e pegou uma lista manuscrita das pessoas que haviam sido autorizadas a ver Don Corleone em caráter reservado. Quando o Don entrou na sala, Hagen lhe estendeu a lista. Don Corleone assentiu e disse:

— Deixe o Bonasera por último.

Hagen saiu pela porta-janela e foi diretamente ao jardim onde os solicitantes estavam reunidos em volta do barril de vinho. Apontou para o padeiro, o rechonchudo Nazorine.

Don Corleone recebeu o padeiro com um abraço. Tinham brincado juntos quando crianças na Itália e cresceram amigos. Toda Páscoa, chegavam à casa de Don Corleone tortas fresquíssimas de ricota e germe de trigo, com a crosta dourada de gema de ovo, com o tamanho de umas rodas de caminhão. No Natal, nos aniversários da família, doces ricamente cremosos proclamavam o respeito dos Nazorine. E em todos esses anos, de vacas magras e de vacas gordas, Nazorine pagava de bom grado as taxas do sindicato de panificadores organizado pelo Don nos seus verdes tempos de novato. Nunca pedira um favor em troca, exceto a chance de comprar no mercado clandestino cupons oficiais de açúcar no racionamento durante a guerra. Agora chegara o momento em que o padeiro ia fazer valer os seus direitos como amigo leal, e Don Corleone ansiava em atender com muito prazer à sua solicitação.

Ele deu ao padeiro um charuto Di Nobili e um copo de Strega amarelo, pousando a mão no ombro do homem para incentivá-lo a falar. Esta era a marca da humanidade do Don. Sabia por dura experiência própria quanta coragem era preciso ter para pedir um favor a um semelhante.

O padeiro contou o caso da filha e de Enzo. Um bom garoto italiano, da Sicília; capturado pelo Exército americano, enviado aos Estados Unidos como prisioneiro de guerra, em regime semiaberto durante o dia para ajudar o nosso esforço de guerra! Um amor puro e honrado brotara entre o honesto Enzo e a sua resguardada Katherine, mas, agora que a guerra terminara, o pobre garoto ia ser repatriado para a Itália e a filha de Nazorine certamente ia morrer de dor. Só o padrinho Corleone poderia ajudar o aflito casal. Era a última esperança deles.

O Don ficou andando com Nazorine de um lado para o outro na sala, a mão no ombro do padeiro, assentindo com ar compreensivo para manter o ânimo do homem. Depois que o padeiro terminou, Don Corleone sorriu e disse:

— Meu caro amigo, esqueça todas as suas preocupações.

Passou a explicar cuidadosamente o que se devia fazer. Era preciso enviar uma petição ao deputado do distrito. O deputado então apresentaria um projeto de lei especial, permitindo que Enzo adquirisse cidadania. O projeto certamente seria aprovado na Câmara. Um privilégio que

todos aqueles malandros trocavam entre eles. Don Corleone explicou que isso tinha um preço, e que agora custava dois mil dólares. Ele, Don Corleone, garantiria o encaminhamento e aceitaria o pagamento. O amigo estava de acordo?

O padeiro assentiu vigorosamente. Não esperava que um favor tão grande saísse de graça. Isso estava implícito. Um decreto especial da Câmara não sai barato. Nazorine quase chorava ao agradecer. Don Corleone o acompanhou até a porta, assegurando que algumas pessoas capacitadas iriam até a padaria para acertar todos os detalhes e preencher todos os documentos necessários. O padeiro o abraçou e sumiu no jardim.

Hagen sorriu para o Don.

— É um bom investimento para o Nazorine. Um genro e um ajudante barato na padaria pelo resto da vida, tudo por dois mil dólares. — Deu uma pausa e retomou. — Para quem passo esse trabalho?

Don Corleone franziu o cenho, pensando.

— Não para o nosso *paesà*. Passe para o judeu do distrito vizinho. Mude o endereço de domicílio. Creio que vão surgir muitos casos assim, agora que a guerra acabou; precisamos de mais gente em Washington para lidar com esse aumento da demanda sem subir o preço.

Hagen escreveu no bloco de notas: “Não o deputado Luteco. Tentar Fischer.”

O próximo que Hagen fez entrar era um caso muito simples. O sujeito se chamava Anthony Coppola e era filho de um antigo colega de serviço de Don Corleone, na juventude, quando trabalhava no pátio ferroviário. Coppola precisava de quinhentos dólares para abrir uma pizzaria, para cobrir o aluguel adiantado das instalações e o forno especial. Por razões que não vinham ao caso, ele não dispunha de crédito. O Don pôs a mão no bolso e tirou um maço de notas. Não chegava. Fez um muxoxo e disse a Tom Hagen:

— Me empreste cem dólares. Devolvo na segunda, quando for ao banco.

O solicitante falou que os quatrocentos davam e sobravam, mas Don Corleone lhe deu um tapinha no ombro e disse como que se desculando:

— Essa festança de casamento me deixou um pouco apertado.

Pegou o dinheiro que Hagen lhe estendia e deu a Anthony Coppola, junto com o maço de notas.

Hagen, em silêncio, assistia à cena com admiração. O Don sempre dizia que um homem, ao ser generoso, devia apresentar essa generosida-

de como algo pessoal. Para Anthony Coppola, era uma honra e tanto que um homem como o Don pegasse dinheiro emprestado para fornecer *a ele*. Coppola, claro, sabia que o Don era milionário, mas quantos milionários se disporiam a um inconveniente, por menor que fosse, para ajudar um amigo pobre?

O Don levantou a cabeça com ar interrogativo. Hagen disse:

— O Luca Brasi não está na lista, mas quer vê-lo. Ele acha que não pode ser em público, e quer dar os parabéns pessoalmente.

O Don, pela primeira vez, se mostrou descontente. Tentou se esquivar.

— É mesmo necessário? — perguntou.

Hagen encolheu os ombros.

— Você o conhece melhor do que eu. Mas ele ficou muito grato por ter sido convidado para o casamento. Jamais esperava isso. Creio que quer mostrar a sua gratidão.

Don Corleone assentiu e fez um gesto para que o trouxesse.

No jardim, Kay Adams estava impressionada com a tremenda fúria que se estampava na cara de Luca Brasi. Perguntou a respeito dele. Michael tinha trazido Kay ao casamento para que fosse absorvendo aos poucos, talvez sem ficar chocada demais, a verdade sobre o seu pai. Mas, até agora, ela parecia considerar o Don como um homem de negócios ligeiramente escuso. Michael resolveu contar indiretamente uma parte da verdade. Explicou que Luca Brasi era um dos homens mais temidos no submundo da Costa Leste. O seu grande talento, pelo que diziam, era ser capaz de executar um assassinato por encomenda sozinho, sem cúmplices, o que automaticamente tornava quase impossível descobri-lo e condená-lo. Michael torceu a cara e disse:

— Não sei se é tudo verdade. O que sei é que ele é uma espécie de amigo do meu pai.

Pela primeira vez, Kay começava a entender. Um pouco incrédula, perguntou:

— Você não está dizendo que um homem desses trabalha para o seu pai, não é?

Dane-se, pensou ele, e foi franco.

— Quase quinze anos atrás, tinha um pessoal que queria pegar a firma de importação de azeite do meu pai. Tentaram matá-lo e quase conseguiram. O Luca Brasi foi atrás deles. Consta que ele matou seis caras em duas semanas, e assim terminou a famosa guerra do azeite.

Michael sorriu como se fosse uma piada.

Kay estremeceu.

— Você está dizendo que uns gângsteres atiraram no seu pai?

— Quinze anos atrás — respondeu Michael. — Desde então, ficou tudo em paz.

Agora receava ter ido longe demais. Kay disse:

— Você quer me botar medo. Não quer se casar comigo. — Sorriu e o cutucou com o cotovelo. — Muito espertinho.

Michael sorriu para ela e respondeu:

— Quero que você pense nisso.

— Ele matou mesmo seis homens? — perguntou Kay.

— Foi o que os jornais disseram — disse Michael. — Nunca ninguém provou. Mas tem outra história sobre ele que nunca ninguém conta. Deve ser tão pavorosa que nem o meu pai comenta. O Tom Hagen conhece a história e não me fala. Uma vez brinquei com ele: “Quando vou ter idade suficiente para ouvir aquela história sobre o Luca?”; e ele me respondeu: “Quando tiver 100 anos.” — Michael tomou um pouco de vinho e retomou: — Deve ser uma história e tanto. Deve ser um Luca e tanto.

De fato, Luca Brasi era um homem capaz de assustar o próprio diabo no inferno. Baixo, retaco, com uma cabeçorra, a sua mera presença disparava sinais de alarme. O seu rosto era a própria máscara da fúria. Tinha os olhos castanhos, mas sem a calidez dessa cor, era mais um ocre mortalmente intenso. A boca não era cruel, mas sim mortíça; fina, borrachenta, de um rosa meio acinzentado.

Era tremenda a fama de violento de Brasi e era lendária a sua devoção a Don Corleone. Era ele, por si só, um dos grandes esteios que sustentavam a estrutura de poder do Don. Uma figura rara.

Luca Brasi não temia a polícia, não temia a sociedade, não temia Deus, não temia o inferno, não temia nem amava o próximo. Mas ele escolhera, ele *decidira*, temer e amar Don Corleone. Trazido à presença do Don, o terrível Brasi se manteve rígido de respeito diante dele. Gaguejou ao apresentar as suas floreadas felicitações e o voto formal de que o primeiro neto fosse um menino. Então estendeu ao Don um envelope cheio de dinheiro como presente para o casal de noivos.

Então era isso que ele queria fazer. Hagen percebeu a mudança em Don Corleone. O Don recebeu Brasi como um rei recebe um súdito que lhe prestou um enorme serviço, sem familiaridade, mas com respeito

majestático. Com todos os seus gestos, com todas as suas palavras, Don Corleone deixou claro a Luca Brasi que era *apreciado*. Em instante algum se mostrou surpreso que o presente de casamento lhe fosse oferecido em pessoa. Ele entendia.

No envelope havia seguramente mais dinheiro do que qualquer outro oferecera. Brasi tinha passado muitas horas decidindo a quantia, comparando ao que os outros convidados poderiam oferecer. Queria ser o mais generoso para mostrar o seu maior respeito, e foi por isso que quis entregar o envelope ao Don pessoalmente, gafe que o Don se absteve de comentar nos seus próprios floreados agradecimentos. Hagen viu se dissolver a máscara de fúria no rosto de Luca, que se encheu de orgulho e prazer. Brasi beijou a mão do Don antes de sair pela porta que Hagen segurava aberta. Hagen, cauteloso, ofereceu a Brasi um sorriso amigável, que ele retribuiu educadamente repuxando os lábios borrachentos e rosa-acinzentados.

Quando a porta se fechou, Don Corleone soltou um leve suspiro de alívio. Brasi era o único homem do mundo capaz de deixá-lo nervoso. O sujeito era uma força da natureza, incapaz de se submeter realmente a um controle. Para lidar com ele, era preciso muito cuidado, como se fosse dinamite. O Don deu de ombros. Mesmo dinamite dava para explodir sem maiores danos, se necessário fosse. Lançou um olhar indagador para Hagen.

— É só o Bonasera que falta?

Hagen assentiu. Don Corleone franziu a testa, pensando, então disse:

— Antes de trazê-lo, diga para o Santino vir aqui. Ele precisa aprender umas coisinhas.

Saindo ao jardim, Hagen ficou procurando ansiosamente por Sonny Corleone. Disse a Bonasera, que estava à espera, que tivesse paciência e foi até Michael Corleone e a namorada.

— Viu o Sonny por aí? — perguntou.

Michael meneou a cabeça.

Droga, pensou Hagen, se Sonny estiver esse tempo todo trepando com a madrinha de casamento, vai ser um problemaço. A mulher dele, a família da moça: pode virar um desastre. Aflito, correu até a entrada por onde vira Sonny desaparecer meia hora antes.

Vendo Hagen entrar na casa, Kay Adams perguntou a Michael Corleone:

— Quem é ele? Você me apresentou como irmão seu, mas o sobrenome dele é outro e certamente não parece italiano.

— O Tom morou conosco desde os 12 anos — respondeu Michael. — Os pais morreram e ele perambulava pelas ruas com uma infecção pavorosa nos olhos. Uma noite, o Sonny o trouxe para casa e ele acabou ficando. Não tinha para onde ir. Morou conosco até se casar.

Kay Adams ficou comovida.

— Isso é muito romântico — disse ela. — O seu pai deve ter um bom coração. Adotar alguém assim, quando já tinha tantos filhos...

Michael não se deu ao trabalho de comentar que os imigrantes italianos achavam pouco uma família com quatro filhos. Apenas disse:

— O Tom não foi adotado. Ele só morava conosco.

— Ah... — disse Kay, então perguntou, curiosa: — Por que vocês não o adotaram?

Michael riu.

— Porque o meu pai falou que seria um desrespeito com o Tom mudar o seu sobrenome. Desrespeito com os pais dele.

Viram Hagen tocando Sonny às pressas para o escritório do Don, passando pela porta-janela, e então Hagen fez sinal com o dedo chamando Amerigo Bonasera.

— Por que eles ficam incomodando o seu pai com assuntos de negócios num dia como hoje? — perguntou Kay.

Michael riu mais uma vez.

— Porque eles sabem que, pela tradição, nenhum siciliano vai negar um pedido no dia do casamento da filha. E nenhum siciliano jamais deixa passar uma chance dessas.

LUCY MANCINI ERGUEU O VESTIDO rosa para não arrastar no chão e subiu correndo os degraus. Ficou assustada com o rosto pesado de Cupido de Sonny Corleone, obscenamente corado de luxúria regada a vinho, mas ela tinha passado a semana anterior inteira a provocá-lo justamente para isso. Nos dois casos que teve na faculdade, não sentira nada, e nenhum dos dois durou mais que uma semana. O segundo namorado, brigando, tinha reclamado que ela era “larga demais lá embaixo”. Lucy entendeu e passou o resto do semestre sem sair com mais ninguém.

No verão, preparando-se para o casamento da sua melhor amiga, Connie Corleone, Lucy ouviu o que falavam de Sonny. Num domingo à tarde, na cozinha dos Corleone, Sandra, a esposa de Sonny, ficou falando abertamente. Sandra era uma mulher rústica, simpática, que nascera na

Itália, mas viera ainda pequena para os Estados Unidos. Era corpulenta, com seios fartos, e já tivera três filhos em cinco anos de casamento. Sandra e as outras ficaram arreliando Connie sobre os terrores do leito nupcial.

— Ai, meu Deus — brincou Sandra, numa risadinha —, quando vi aquele pau do Sonny pela primeira vez e vi que ele ia enfiar aquilo dentro de *mim*, berrei feito louca. Depois do primeiro ano, a minha parte de dentro estava que parecia uma papa de macarrão que cozinhou por uma hora. Quando soube que ele estava andando com outras, fui até a igreja e acendi uma vela, dando graças.

Todas se puseram a rir, mas Lucy sentiu a carne se contraindo e palpitando entre as coxas.

Agora, correndo escada acima para encontrar Sonny, ela sentiu uma enorme onda de desejo inundando o seu corpo. No patamar, Sonny a agarrou pela mão e a puxou pelo corredor até um quarto vazio. Quando a porta se fechou atrás deles, as pernas de Lucy fraquejaram. Sentiu a boca de Sonny na sua, os lábios dele com gosto amargo, de tabaco queimado. Ela abriu a boca. Naquele momento, sentiu a mão dele subindo por baixo do vestido de madrinha, ouviu o farfalhar do tecido abrindo caminho, sentiu a mão grande e quente de Sonny entre as coxas, rasgando de lado a calcinha de cetim para acariciar a vulva. Passou os braços pela nuca de Sonny e se suspendeu ali enquanto ele desabotoava a calça. Então, com as duas mãos, ele a segurou pelas nádegas nuas e a ergueu. Ela deu um pequeno salto no ar para encaixar as pernas em volta das coxas dele. A língua de Sonny estava na sua boca, e ela começou a sugá-la. Ele arremeteu com tal força que a cabeça dela bateu na porta. Sentiu uma coisa ardente passando entre as coxas. Solto a mão direita da nuca de Sonny, baixando-a para guiar o membro dele. A mão se fechou em volta de um pau enorme, estufado de sangue. Pulsava na mão como um animal e, quase chorando de êxtase e gratidão, ela o pôs na entrada da sua carne úmida e túrgida. Lucy arfou ao ímpeto da penetração, ao prazer inacreditável, ergueu as pernas quase à altura do pescoço dele e, então, como uma aljava, o seu corpo recebeu as flechas selvagens da penetração que parecia uma sucessão de relâmpagos, incontáveis, torturantes, arqueando e erguendo cada vez mais a pelve até que, pela primeira vez na vida, ela atingiu um clímax dilacerante, sentiu se dissolver a dureza do membro dele e então a torrente de sêmen

formigando nas coxas. Desprendeu devagar as pernas do corpo dele, deixando escorregarem até alcançar o chão. Apoiaram-se um no outro, sem fôlego.

Talvez já fizesse algum tempo, mas só agora ouviram as batidinhas suaves à porta. Sonny abotoou a calça depressa, enquanto bloqueava a porta para que ninguém abrisse. Lucy alisou freneticamente o vestido cor-de-rosa, os olhos cintilando, mas a coisa que lhe dera tanto prazer estava escondida sob um sóbrio traje preto. Então ouviram a voz de Tom Hagen, falando baixinho:

— Sonny, você está aí?

Sonny suspirou aliviado e deu uma piscadela para Lucy.

— Estou, sim, Tom. O que foi?

Tom, ainda em voz baixa, disse:

— O Don quer você no escritório. Agora.

Ouviram os passos dele enquanto se afastava. Sonny esperou um pouco, deu um beijo rígido na boca de Lucy e se esgueirou pela porta, indo atrás de Hagen.

Lucy penteou o cabelo. Verificou o vestido e ajustou as ligas das meias. Sentia o corpo machucado, os lábios moles e flácidos. Saiu pela porta e, mesmo sentindo a umidade viscosa entre as coxas, não foi se lavar no banheiro, mas desceu correndo a escada e foi direto para o jardim. Ocupou o seu lugar à mesa da noiva, ao lado de Connie, que exclamou mal-humorada:

— Lucy, por onde você andava? Parece bêbada. Agora fique aqui comigo.

O noivo loiro serviu um cálice de vinho a Lucy e sorriu com ar de cumplicidade. Lucy pouco se importou. Levou o sumo vermelho-escuro à boca ressequida e tomou. Sentiu a umidade viscosa entre as coxas e apertou as pernas. O corpo tremia. Por sobre a borda do copo, enquanto bebia, os olhos ávidos procuravam Sonny Corleone. Era a única pessoa que ela queria ver. Cochichou, maliciosa, no ouvido de Connie:

— Só mais umas horas, e você vai saber como é.

Connie deu uma risadinha. Lucy apoiou recatadamente as mãos juntas sobre a mesa, com ar de traiçoeira vitória, como se tivesse roubado um tesouro da noiva.

AMERIGO BONASERA SEGUIU HAGEN ATÉ a sala lateral da casa e encontrou Don Corleone sentado atrás de uma imensa escrivaninha. Sonny Corleone

estava de pé, junto à janela. Era a primeira vez naquela tarde que Don se portava com frieza. Não abraçou nem apertou a mão do visitante. O pálido agente funerário só fora convidado porque a sua esposa e a esposa do Don eram grandes amigas. Amerigo Bonasera, pessoalmente, não gozava de qualquer apreço por parte de Don Corleone.

Bonasera iniciou a solicitação de maneira indireta e habilidosa.

— Perdoe a minha filha, a afilhada da sua esposa, por não prestar à sua família o respeito de comparecer aqui. Ela ainda está no hospital.

Olhou de esguelha para Sonny Corleone e Tom Hagen, para indicar que não queria falar na presença deles. Mas o Don foi implacável.

— Todos nós sabemos do infortúnio da sua filha — disse Don Corleone.

— Se eu puder ajudá-la de alguma maneira, basta dizer. A minha esposa, afinal, é a madrinha dela. Nunca esqueço essa honra.

Era uma repreensão. O agente funerário nunca tratava Don Corleone por “padrinho”, como ditava o costume.

Bonasera, lívido, agora perguntou diretamente:

— Posso lhe falar a sós?

Don Corleone balançou a cabeça.

— Confio irrestritamente nesses dois homens. São os meus dois braços direitos. Não posso insultá-los pedindo que se retirem.

O agente funerário fechou os olhos por um instante e então começou a falar. A voz era calma, a voz que usava para consolar os enlutados.

— Criei a minha filha à maneira americana. Acredito nos Estados Unidos. Os Estados Unidos fizeram a minha fortuna. Dei liberdade à minha filha, mas lhe ensinei a nunca desonrar a família. Ela arranhou um “amigo”, não italiano. Ia ao cinema com ele. Chegava tarde em casa. Mas ele nunca veio conhecer os pais dela. Aceitei tudo isso sem protestar, e a culpa é minha. Dois meses atrás, foram passear de carro. Ele estava com um colega. Fizeram com que ela bebesse uísque e então tentaram se aproveitar dela. A minha filha resistiu. Manteve a honra. Bateram nela. Como um animal. Quando fui ao hospital, ela estava com os dois olhos roxos. O nariz quebrado. O maxilar destroçado. Tiveram de costurar com fio metálico. Ela chorava de dor. “Pai, pai, por que eles fizeram isso? Por que fizeram isso comigo?” Então chorei.

Bonasera não conseguia mais falar; agora chorava, embora deixasse transparecer a emoção.

Don Corleone, como que a contragosto, fez um gesto de compreensão e Bonasera prosseguiu, a voz humanizada pelo sofrimento.

— Por que chorei? Ela era a luz da minha vida, uma filha afeiçoada. Uma moça bonita. Confiava nas pessoas e agora nunca mais voltará a confiar. Nunca mais voltará a ser bonita.

Ele tremia, o rosto pálido tomado por um sinistro rubor escuro.

— Fui à polícia, como bom americano. Os dois rapazes foram detidos. Foram levados a julgamento. As provas eram incontestáveis e eles se declararam culpados. O juiz os condenou a três anos de prisão e suspendeu a sentença. Saíram em liberdade no mesmo dia. Fiquei lá no tribunal feito bobo, e aqueles filhos da mãe sorriram para mim. Então falei para a minha esposa: “Temos de ir a Don Corleone para conseguir justiça.”

O Don abaixara a cabeça para mostrar respeito pela dor do homem. Mas, quando falou, foram palavras geladas de dignidade ofendida.

— Por que você foi à polícia? Por que não veio a mim já no começo do caso?

Bonasera balbuciou de maneira quase inaudível.

— O que deseja de mim? Diga o que deseja. Mas faça o que lhe peço. Havia um tom quase insolente nas palavras.

Don Corleone indagou, sério:

— E o que é?

Bonasera novamente olhou de esguelha para Hagen e Sonny Corleone e meneou a cabeça. O Don, ainda sentado à escrivaninha de Hagen, inclinou o corpo para perto do agente funerário. Bonasera hesitou, então se curvou e chegou tão perto que a sua boca encostou no ouvido peludo do Don. Don Corleone ouviu como um padre no confessional, com o olhar mirando ao longe, impassível, distante. Assim ficaram por um bom tempo até que Bonasera terminou o que sussurrava e se reaprumou. O Don o fitou gravemente. Bonasera, ruborizado, devolveu o olhar sem ceder.

Por fim, o Don falou:

— Isso eu não posso fazer. É ir longe demais.

Bonasera disse em alto e bom som:

— Pago o que pedir.

Ao ouvir isso, Hagen recuou, movendo a cabeça num gesto rápido e nervoso. Sonny Corleone cruzou os braços, dando um sorriso sardônico enquanto se virava da janela e olhava pela primeira vez para a cena na sala.

Don Corleone se levantou detrás da escrivaninha. O rosto continuava impassível, mas a voz soava mortalmente gélida.

— Nós dois nos conhecemos faz muitos anos — disse ao agente funerário —, mas, até hoje, você nunca veio me pedir conselho ou ajuda. Não lembro quando foi a última vez que você me convidou para um café na sua casa, embora a minha esposa seja madrinha da sua filha única. Sejam os francos. Você desprezou a minha amizade. Teve medo de ficar em dívida comigo.

Bonasera murmurou:

— Eu não queria me meter em problemas.

O Don ergueu a mão.

— Não. Não diga nada. Você achava os Estados Unidos um paraíso. Tinha um bom ofício, vivia com conforto, pensava que o mundo era um lugar inofensivo onde podia ficar à vontade, como bem quisesse. Nunca se armou de bons amigos. Afinal, a polícia o protegia, havia tribunais de justiça, você e os seus nunca sofreriam dano nenhum. Você não precisava do Don Corleone. Muito bem. Fiquei ferido nos meus sentimentos, mas não sou daqueles que impõem a sua amizade a quem não lhe dá valor, a quem não me tem em conta.

O Don parou e ofereceu um sorriso cortês e irônico ao agente funerário.

— Agora você vem e me diz: “Don Corleone, me dê justiça.” E não pede com respeito. Não me oferece a sua amizade. Entra na minha casa no dia do casamento da minha filha e pede a mim que pratique um assassinato e diz — e aqui o Don arremedou a voz dele com desdém: — “Pago o que pedir.” Não, não, não estou ofendido, mas o que fiz para você me tratar de maneira tão desrespeitosa?

Bonasera gemeu na sua angústia e medo.

— Os Estados Unidos foram bons comigo. Eu queria ser um bom cidadão. Queria que a minha filha fosse americana.

O Don aplaudiu numa vigorosa aprovação.

— Belas palavras. Ótimo. Então você não tem do que reclamar. O juiz decidiu. Os Estados Unidos decidiram. Leve flores e uma caixa de doces para a sua filha, quando for visitá-la no hospital. Ela se sentirá reconfortada. Contenta. Afinal, não é um caso sério, eram rapazes novos, fogosos, e um deles é filho de um político importante. Não, meu caro Amerigo, você sempre foi honesto. Devo reconhecer que, mesmo você tendo desprezado a minha amizade, confio na palavra de Amerigo Bonasera mais

que na de qualquer outro homem. Então me dê a sua palavra de que vai largar mão dessa loucura. Isso não é americano. Perdoe. Esqueça. A vida é cheia de desventuras.

A ironia cruel e desdenhosa com que tudo isso foi dito e a cólera contida do Don fizeram o pobre agente tremer feito gelatina, mas ele voltou bravamente à carga.

— Peço-lhe justiça.

Don Corleone respondeu, conciso:

— O tribunal lhe deu justiça.

Bonasera meneou teimosamente a cabeça.

— Não. Eles deram justiça aos jovens. Não deram justiça a mim.

O Don reconheceu essa sutil distinção assentindo com a cabeça, então perguntou:

— Qual é a sua justiça?

— Olho por olho — respondeu Bonasera.

— Você pediu mais — retrucou o Don. — A sua filha está viva.

Bonasera disse, relutante:

— Então que sofram como ela está sofrendo.

O Don aguardou que ele falasse mais. Bonasera juntou o que lhe restava da sua coragem e perguntou:

— Quanto lhe pago?

Foi um gemido desesperador.

Don Corleone lhe deu as costas. Dispensava-o. Bonasera não se moveu.

Por fim, num suspiro, como homem de bom coração que não consegue ficar bravo por muito tempo com um amigo, Don Corleone se virou para o agente funerário, que agora estava lívido como um dos seus cadáveres. Don Corleone foi gentil, paciente.

— Por que você tem medo de firmar o seu primeiro voto de lealdade a mim? — perguntou. — Você vai ao tribunal e espera meses. Gasta com advogados que sabem muito bem que vão fazê-lo de bobo. Aceita o julgamento de um juiz que se vende como a pior das putas de rua. Anos atrás, quando precisou de dinheiro, foi aos bancos e pagou um juro escorchante, esperou feito mendigo de chapéu na mão enquanto eles xeretavam por tudo, enfiavam o nariz até no seu cu para terem certeza de que você conseguiria pagar o empréstimo.

O Don se interrompeu, e a voz ficou mais dura.

— Mas, se você tivesse vindo a mim, a minha bolsa estaria ao seu dispor. Se tivesse vindo a mim para ter justiça, aqueles desgraçados que arruinaram a sua filha estariam hoje chorando lágrimas amargas. Se, por algum infortúnio, um homem honesto como você fizesse inimigos, eles se tornariam inimigos meus — o Don ergueu o braço e apontou o dedo para Bonasera —, e aí pode ter certeza de que eles temeriam a você.

Bonasera inclinou a cabeça e murmurou com a voz estrangulada:

— Seja meu amigo. Eu aceito.

Don Corleone pôs a mão no ombro do homem.

— Bom — disse ele —, você terá a sua justiça. Algum dia, e talvez esse dia nunca chegue, vou lhe pedir um serviço em troca. Até lá, considere essa justiça como um presente da minha esposa, a madrinha da sua filha.

Depois que a porta se fechou atrás do agradecido agente funerário, Don Corleone se virou para Hagen e disse:

— Passe para o Clemenza e diga para só usar gente confiável, gente que não perde a cabeça com o cheiro de sangue. Afinal, não somos assassinos, apesar do que aquele tratador de defunto imagina naquela cabeça tonta dele.

O Don notou que o seu varão, o seu primogênito contemplava a festa pela janela. Não tinha jeito, pensou Don Corleone. Se se negasse a aprender, Santino nunca iria comandar os negócios da família, nunca se tornaria um Don. Precisava arranjar outra pessoa. E logo. Afinal, ele não era imortal.

Do jardim veio uma alegre algazarra, que sobressaltou os três na sala. Sonny Corleone se comprimiu junto à janela. Viu alguma coisa que o fez se dirigir depressa para a porta, abrindo um grande sorriso de contentamento.

— É o Johnny, ele veio para o casamento! Não falei a vocês?

Hagen foi até a janela.

— É mesmo o seu afilhado — disse a Don Corleone. — Trago-o aqui?

— Não — respondeu o Don. — Deixe que as pessoas aproveitem. Traga-o quando ele estiver pronto.

Sorriu para Hagen e acrescentou:

— Viu? Ele é um bom afilhado.

Hagen sentiu uma fisgada de ciúme, e disse em tom seco:

— Faz dois anos. Provavelmente está de novo em alguma encrenca e quer a sua ajuda.

— E a quem deveria recorrer se não ao seu padrinho? — perguntou Don Corleone.

A PRIMEIRA PESSOA QUE VIU Johnny Fontane entrar no jardim foi Connie Corleone. Ela esqueceu a dignidade de noiva, gritou “Johniiiiie!” e correu para os seus braços. Ele a enlaçou com força e lhe deu um beijo na boca, mantendo o braço em volta dela enquanto os outros vinham cumprimentá-lo. Eram todos velhos amigos seus, que tinham crescido juntos no West Side. Então Connie o arrastou até o marido recém-casado. Johnny percebeu, divertindo-se, que o rapaz loiro parecia um pouco emburrado, agora que não era mais o astro do dia. Recorreu a todo o seu encanto, trocando um aperto de mão com o noivo, brindando-o com um cálice de vinho.

Uma voz conhecida falou do palco da orquestra:

— Que tal cantar uma música para nós, Johnny?

Ele ergueu os olhos e viu Nino Valenti lhe sorrindo. Johnny Fontane subiu de um salto no palco e deu um grande abraço em Nino. Eram inseparáveis, cantavam juntos, saíam juntos com as moças, até que Johnny começou a ficar famoso e a cantar na rádio. Quando foi fazer filmes em Hollywood, ligou algumas vezes para Nino, só para conversar, e lhe prometera que conseguiria marcar uma apresentação sua num clube. Porém, nunca mais falou nisso. Vendo Nino agora, com o seu sorriso alegre, trocista, bêbado, todo o afeto voltou.

Nino começou a dedilhar o bandolim. Johnny Fontane lhe pôs a mão no ombro.

— Esta é para a noiva — disse e, batendo o ritmo com o pé, cantou a letra de uma música de amor siciliana obscena.

Enquanto Johnny cantava, Nino movia o corpo de maneira insinuante. A noiva ficou dignamente corada e a multidão de convidados rugia em aprovação. Antes de terminar a música, estavam todos batendo o pé e cantando aos brados o verso malicioso de duplo sentido que encerrava cada estrofe. No fim, só pararam de aplaudir quando Johnny pigarreou limpando a garganta para cantar outra música.

Todos se orgulhavam de Johnny. Era um deles e tinha virado cantor famoso, astro de cinema que se deitava com as mulheres mais desejadas do mundo. E, mesmo assim, demonstrava o devido respeito pelo seu padrinho, percorrendo quase cinco mil quilômetros para vir ao casamento. Ainda era afeiçoado aos velhos amigos, como Nino Valenti. Muitos dos

presentes tinham visto os dois ainda rapazotes cantando juntos, quando ninguém sonhava que Johnny Fontane conquistaria o coração de cinquenta milhões de mulheres.

Johnny Fontane abaixou o braço e ergueu a noiva até o palco, onde ficou entre ele e Nino. Os dois estavam agachados, um de frente para o outro, Nino arrancando algumas notas ásperas do bandolim. Era um número antigo da dupla, simulando uma luta e uma disputa pela moça, usando as vozes como espadas, cada um por vez intercalando um trecho. Com a mais delicada cortesia, Johnny deixou a voz de Nino ultrapassar a sua, deixou Nino lhe tomar a noiva, deixou Nino entoar a estrofe final de vencedor enquanto a sua própria voz sumia. Todos os presentes explodiram em aplausos e aclamações, e os três se abraçaram no final. Os convidados pediram outra música.

Apenas Don Corleone, de pé na entrada lateral da casa, sentiu que faltava alguma coisa. Animadamente, em tom alegre e sem cerimônia, tomando cuidado para não ofender os convidados, falou alto:

— O meu afilhado viaja cinco mil quilômetros para nos conceder essa honra e ninguém pensa em molhar a garganta dele?

A isso uma dúzia de cálices de vinho cheios até a boca apareceu na frente de Johnny Fontane. Ele tomou um gole de cada e foi correndo abraçar o padrinho. Enquanto o abraçava, sussurrou alguma coisa no ouvido dele. Don Corleone o levou para dentro da casa.

Quando Johnny entrou na sala, Tom Hagen lhe estendeu a mão, que ele apertou dizendo “Como vai, Tom?”, mas sem o seu habitual charme, que consistia numa genuína cordialidade com as pessoas. Hagen ficou um pouco magoado com essa frieza, mas deixou de lado. Era uma das penitências por ser o homem de confiança do Don.

Johnny Fontane disse ao Don:

— Quando recebi o convite de casamento, disse a mim mesmo: “O meu padrinho não está mais bravo comigo.” Liguei cinco vezes depois do meu divórcio e o Tom sempre me dizia que você não estava, ou que estava ocupado, e então percebi que estava furioso comigo.

Don Corleone estava servindo os copos com a garrafa amarela de Strega.

— Ficou tudo para trás. Então, ainda posso fazer alguma coisa por você? Não é famoso demais, rico demais, para eu poder ajudar?

Johnny engoliu de um trago o líquido amarelo forte e estendeu o copo para uma segunda dose. Tentava parecer animado.

— Não sou rico, padrinho. Estou afundando. Você tinha razão. Eu nunca devia ter deixado mulher e filhas por aquela vagabunda com quem me casei. Não admira que você tenha ficado bravo.

O Don deu de ombros.

— Eu estava preocupado com você, você é meu afilhado, só isso.

Johnny percorria a sala de um lado para o outro.

— Fiquei doido por aquela cadela. A maior estrela de Hollywood. Parece um anjo. E sabe o que ela faz depois de um filme? Se o maquiador fez bem o serviço, ela dá para ele. Se o câmera fez umas tomadas em que ela ficou superbem, leva o cara para o camarim e eles trepam. Isso com qualquer um. Ela usa o corpo como eu uso os trocados do bolso para dar gorjeta. Uma puta como o diabo gosta.

Don Corleone interrompeu bruscamente:

— Como vai a família?

Johnny suspirou.

— Cuidei delas. Depois do divórcio, dei à Ginny e às crianças mais do que o tribunal mandou. Vou vê-las uma vez por semana. Tenho saudades. Às vezes acho que estou ficando louco.

Tomou outra dose.

— Agora a minha segunda mulher ri de mim. Ela não entende o meu ciúme. Diz que sou um carcamano antiquado, tira sarro das minhas músicas. Antes de vir, dei uma boa surra nela, mas não bati no rosto porque ela estava fazendo um filme. Dei uns petelecos, bati nos braços e nas pernas como um moleque e ela continuou rindo de mim. — Acendeu um cigarro. — Então, padrinho, a vida agora não parece grande coisa.

Don Corleone só disse:

— Nesses problemas não posso ajudar. — Parou, então perguntou:

— O que aconteceu com a sua voz?

Todo o encanto, toda a confiança, toda a ironia consigo mesmo sumiram do rosto de Fontane. Disse quase chorando:

— Padrinho, não consigo mais cantar, aconteceu alguma coisa com a minha garganta, os médicos não sabem o que é.

Hagen e o Don o fitaram com surpresa, Johnny sempre tinha sido durão. Fontane continuou:

— Os meus dois filmes renderam muita grana. Eu era um grande astro. Agora me chutam. O diretor do estúdio sempre me detestou e agora está dando o troco.

Don Corleone parou na frente do afilhado e perguntou, muito sério:

— Por que esse homem não gosta de você?

— Eu cantava aquelas músicas para as organizações liberais, sabe, toda aquela coisa que você nunca gostou que eu fizesse. Bom, Jack Woltz também não gostava. Ele me chamava de comunista, mas a coisa não colou. Então roubei uma garota que ele tinha reservado para si. Foi só uma noite, e foi ela que veio atrás de mim. Mas, caramba, o que eu podia fazer? Então a vagabunda da minha segunda mulher me pôe para fora de casa. E a Ginny e as crianças só vão me aceitar se eu voltar rastejando de quatro, e não consigo mais cantar. Caramba, padrinho, o que é que eu faço?

O rosto de Don Corleone ficou gelado, sem nenhum sinal de simpatia. Disse em tom de desprezo:

— Pode começar se comportando como homem. — De repente, o seu rosto se retorceu de fúria. Ele gritou: — COMO HOMEM!

Inclinou-se por cima da escrivania e agarrou Johnny Fontane pelos cabelos num gesto de afeto selvagem:

— Deus do céu, como é que você passa tanto tempo na minha presença e só fica nisso? Um *finocchio* de Hollywood chorando e implorando piedade? Gemendo feito uma mulher: “O que eu vou fazer? Oh, o que eu vou fazer?”

O arremedo do Don foi tão inesperado, tão extraordinário que Hagen e Johnny estouraram numa gargalhada. Don Corleone gostou. Pensou por um instante no quanto amava aquele afilhado. Como os seus três filhos reagiriam a uma bronca daquelas? Santino ficaria emburrado e passaria semanas com malcriações. Fredo se intimidaria. Michael lhe daria um sorriso frio e sairia de casa, sumindo por meses a fio. Mas Johnny, ah, esse sim era um bom sujeito, agora sorrindo, reunindo forças, já sabendo a verdadeira intenção do padrinho.

Don Corleone prosseguiu:

— Você pega a mulher do seu chefe, um homem mais poderoso do que você, e aí reclama que ele não vai ajudá-lo. Que absurdo. Deixa a família, as filhas sem pai, para se casar com uma puta e chora porque não o recebem de volta de braços abertos. A puta, você não bate na cara dela porque

está fazendo um filme, e aí fica espantado quando ela caça de você. Você vive feito bobo e termina feito bobo.

Don Corleone parou, então perguntou numa voz paciente:

— Dessa vez você se dispõe a seguir o meu conselho?

Johnny encolheu os ombros.

— Não posso me casar de novo com a Ginny, não do jeito que ela quer. Tenho de jogar. Tenho de beber. Tenho de sair com a rapaziada. Uma mulherada linda corre atrás de mim e nunca consigo resistir. Então eu me sentia um patife quando voltava para a Ginny. Não consigo passar por toda essa chatice outra vez.

Era raro que Don Corleone se mostrasse exasperado.

— Não falei para se casar de novo. Faça o que quiser. É bom que queira ser um pai para as crianças. Um homem que não é um pai para os filhos nunca pode ser um homem de verdade. Só que você precisa que a mãe deles aceite você. Quem falou que você não pode ver as crianças todos os dias? Quem falou que não podem morar na mesma casa? Quem falou que você não pode viver a vida exatamente do jeito que quer?

Johnny Fontane riu.

— Padrinho, nem todas as mulheres são como as antigas esposas italianas. A Ginny não aceitaria.

Agora era o Don que ria.

— Porque você agiu feito um *finocchio*. Deu a ela *mais* do que o tribunal mandou. Não bateu na cara da outra porque ela estava fazendo um filme. Você deixa as mulheres ditarem as suas ações e isso não compete a elas neste mundo, embora certamente venham a ser santas no paraíso, enquanto nós, homens, vamos arder no inferno. Além disso, andei observando você esses anos todos.

A voz do Don ficou séria.

— Você tem sido um bom afilhado, me oferece todo o respeito. Mas e os seus outros velhos amigos? Num ano você está com um, no ano seguinte com outro. Aquele rapazinho italiano que era tão engraçado no cinema, ele teve uma maré de azar e você nunca mais voltou a vê-lo porque era mais famoso. E aquele velho, velho amigo, com quem você ia à escola e cantavam juntos? Nino. Ele bebe demais por decepção, mas nunca se queixa. Dá duro como motorista de caminhão de cascalho e canta nos fins de semana por uns trocados. Nunca diz nada contra você. Você não pode dar uma mãozinha a ele? Por que não? Ele canta bem.

Johnny Fontane falou em tom cansado e paciente:

— Padrinho, ele não tem talento suficiente. Ele é bom, mas não é nada de mais.

Don Corleone baixou as pálpebras, quase fechando os olhos, então disse:

— E você, afilhado, você agora simplesmente não tem talento suficiente. Quer que lhe arranje serviço no caminhão de cascalho com o Nino?

Johnny não respondeu, e o Don prosseguiu:

— Amizade é tudo. Amizade é mais do que talento. É mais do que governo. É quase igual à família. Nunca se esqueça disso. Se você tivesse erguido um muro de amizades, não precisaria me pedir ajuda. Agora me diga, por que não consegue mais cantar? Você cantou bem no jardim. Tanto quanto Nino.

Hagen e Johnny sorriram a essa leve alfinetada. Foi a vez de Johnny mostrar uma paciência condescendente.

— A minha voz está fraca. Canto uma ou duas músicas e depois fico horas ou dias sem conseguir cantar outra vez. Não dou conta dos ensaios ou das refilmagens. A minha voz está fraca, pegou alguma doença.

— Então você tem problema de mulher. A voz está doente. Agora me conte o problema que está tendo com esse *pezzonovante* de Hollywood, que não deixa você trabalhar. — O Don agora entrava direto no assunto.

— Ele é mais importante do que os seus *pezzonovanti*, padrinho — disse Johnny. — É dono do estúdio. Aconselha o presidente sobre os filmes de propaganda de guerra. Um mês atrás, ele comprou os direitos cinematográficos do maior romance do ano. Um campeão de vendas. E o personagem principal é um cara como eu. Eu nem precisaria interpretar, bastava ser eu mesmo. Não precisaria nem cantar. Podia até ganhar o Oscar. Todo mundo sabe que é o papel perfeito para mim e eu faria o maior sucesso. Como ator. Mas aquele desgraçado do Jack Woltz está de desforra, não vai me dar o papel. Eu me ofereci de graça, por um preço ínfimo, e ele continua negando. Mandou o recado: se eu for lamber a bunda dele no depósito do estúdio, talvez dê uma pensada no assunto.

Don Corleone fez um gesto com a mão descartando a bobageira emotiva. Homens sensatos sempre conseguem resolver problemas de negócios. Deu um tapinha no ombro do afilhado.

— Você está abatido. Acha que ninguém se importa com você. E emagreceu muito. Anda bebendo bastante, hein? Não dorme e então toma

comprimidos? — Abanou a cabeça, desaprovando. — Agora quero que siga as minhas ordens — retomou o Don. — Quero que passe um mês aqui em casa. Quero que coma bem, que descanse e durma. Quero que me faça companhia. Gosto da sua companhia, e talvez você aprenda com o seu padrinho alguma coisa sobre o mundo que até pode lhe servir na grande Hollywood. Mas nada de cantar, nada de beber, nada de mulheres. No fim do mês, pode voltar para Hollywood, e esse *pezzonovante* vai lhe dar o papel que você quer. Combinado?

Johnny Fontane não acreditava que o Don tivesse tal poder. Mas, quando o seu padrinho dizia que dava para fazer tal ou tal coisa, sempre, sempre dava certo.

— Esse cara é amigo pessoal de J. Edgar Hoover — disse Johnny — Não se pode nem erguer a voz com ele.

— Ele é um empresário — disse o Don, imperturbável. — Vou fazer uma proposta que ele não poderá recusar.

— Tarde demais — falou Johnny. — Todos os contratos já foram assinados e eles começam a rodar daqui a uma semana. É absolutamente impossível.

Don Corleone disse:

— Vá, volte para a festa. Os seus amigos estão esperando. Deixe tudo comigo. — E empurrou Johnny para fora da sala.

Hagen estava sentado à escrivaninha, tomando notas. O Don suspirou e perguntou:

— Mais alguma coisa?

— Não dá mais para evitar Sollozzo. Terá de vê-lo essa semana — disse Hagen com a caneta sobre o calendário.

O Don deu de ombros.

— Terminado o casamento, pode marcar para quando quiser.

Essa resposta revelou duas coisas a Hagen. A mais importante era que a resposta a Virgil Sollozzo seria negativa. A segunda era que, se Don Corleone não tinha dado uma resposta antes do casamento da filha, foi por prever que a negativa ia causar problemas.

Hagen perguntou, cauteloso:

— Digo ao Clemenza para pôr alguns homens morando aqui na casa?

O Don respondeu impacientemente:

— Para quê? Não respondi antes do casamento porque, num dia importante assim, não devia haver nenhuma nuvem, nem mesmo a distân-

cia. E também queria saber de antemão o que ele pretendia falar. Agora sabemos. O que ele vai propor é uma *infamia*.

Hagen perguntou:

— Então vai recusar? — Quando o Don assentiu, Hagen falou: — Creio que todos nós, a Família inteira, deveríamos discutir o assunto antes de dar a sua resposta.

O Don sorriu.

— Você acha? Bom, então discutiremos. Quando você voltar da Califórnia. Quero que pegue um avião e vá até lá amanhã para acertar esse assunto do Johnny. Vá ver esse *pezzonovante* do cinema. Diga a Sollozzo que vou recebê-lo quando você voltar da Califórnia. Mais alguma coisa?

Hagen disse em tom formal:

— O hospital ligou. O *consigliere* Abbandando está à beira da morte, ele não passa desta noite. A família foi chamada para ir até lá e esperar.

Hagen estava no cargo de *consigliere* fazia um ano, desde que o câncer confinara Genco Abbandando ao leito do hospital. Agora aguardava que Don Corleone dissesse que o cargo era seu em caráter permanente. Isso ia contra todas as probabilidades. Uma posição tão alta só era tradicionalmente atribuída a quem fosse filho de pai e mãe italianos. O seu papel temporário já havia causado problemas. Além disso, tinha apenas 35 anos, idade que supostamente não era suficiente para ter adquirido a experiência e a argúcia necessárias para ser um bom *consigliere*.

Mas o Don não lhe deu nenhum motivo de encorajamento. Perguntou:

— Quando a minha filha vai partir com o noivo?

Hagen consultou o relógio de pulso.

— Daqui a alguns minutos vão cortar o bolo, e então mais meia hora.

— Isso lhe lembrou outra coisa. — O seu novo genro. Damos a ele algo importante, dentro da Família?

Ficou surpreso com a veemência da resposta.

— Nunca. — O Don bateu na escrivaninha. — Nunca. Dê-lhe algo para garantir o sustento, um bom sustento. Mas nunca deixe que ele saiba dos negócios da Família. Avise os outros, Santino, Fredo, Clemenza.

— O Don fez uma pausa e retomou: — Avise os meus filhos, os três, que irão comigo ao hospital para ver o pobre Genco. Quero que prestem a ele os seus últimos respeitos. Diga a Freddie que iremos com o carro grande e pergunte a Johnny se quer ir conosco, como favor especial a mim.

Viu o ar interrogativo de Hagen e prosseguiu:

— Quero que você vá para a Califórnia hoje à noite. Não terá tempo para ver Genco. Mas não saia antes que eu volte do hospital e fale com você. Entendido?

— Entendido — respondeu Hagen. — A que horas Fred deve estar com o carro pronto?

— Depois que os convidados forem embora — respondeu Don Corleone.
— Genco vai me esperar.

— O senador ligou — avisou Hagen. — Pedindo desculpas por não vir pessoalmente, mas disse que você entenderia. Provavelmente se referia àqueles dois caras do FBI do outro lado da rua, anotando as placas. Mas mandou o presente dele por um mensageiro especial.

O Don assentiu. Achou que não era necessário comentar que tinha sido ele mesmo a recomendar ao senador que não viesse.

— Ele mandou um bom presente?

Hagen fez um ar de vigorosa aprovação que parecia estranhamente italiano nos seus traços teuto-irlandeses.

— Prataria antiga, muito valiosa. Podem vendê-la por pelo menos mil dólares. O senador passou um bom tempo escolhendo exatamente a coisa certa. Para tais pessoas, isso é mais importante do que o preço.

Don Corleone não ocultou a sua satisfação de que um homem importante como o senador lhe mostrasse tal respeito. O senador, como Luca Brasi, era um dos grandes esteios na estrutura de poder do Don e, com esse presente, ele também reafirmara a sua lealdade.